

# Ficha técnica do curso

<b>Curso</b>	<b>Programa de Formação de Instrutores – 1ª etapa</b>
<b>Objetivo</b>	Formar pedagogicamente os servidores do STJ para atuarem como instrutores internos nas ações de educação corporativa presenciais, a distância e híbridas, em conformidade com os princípios instituídos no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) do Tribunal.
<b>Metodologia</b>	Híbrida
<b>Público-alvo</b>	Servidores do Superior Tribunal de Justiça, preferencialmente aqueles que já atuaram como instrutores mas ainda não participaram de alguma formação sobre o tema oferecida pelo STJ sobre o tema.
<b>Carga horária</b>	14 h/a
<b>Conteúdo programático</b>	<p>O conteúdo do curso está distribuído em três módulos:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Módulo 1:</b> Teorias da aprendizagem</li><li>• <b>Módulo 2:</b> Educação corporativa e andragogia</li><li>• <b>Módulo 3:</b> Estilos de aprendizagem</li></ul>
<b>Critérios para aprovação</b>	<p>Será considerado aprovado no curso o participante que alcançar, no mínimo, 70% do total de pontos da soma das atividades avaliativas;</p> <p>Os critérios de avaliação são os seguintes:</p> <p>Nos fóruns avaliativos a pontuação será considerada a partir dos itens:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>•Coerência teórica;</li><li>•Interação com os colegas;</li><li>•Clareza e boa redação;</li><li>•Pontualidade.</li></ul>
<b>Créditos do curso</b>	<p>O curso foi desenvolvido internamente pelo Superior Tribunal de Justiça, conforme os créditos a seguir:</p> <p><b>Conteudistas: 1ª etapa</b> - Ânderson Jônio Lopes Porto de Queiroz / Joel de Castro Mota</p> <p><b>Revisora de texto:</b> Luciana de Assunção</p>

**Desenhista de interface para EaD:** Vitor Dutra Freire

**Seção de Educação a Distância:**

- Ânderson Jônio Lopes Porto de Queiroz (Chefe da Seção de Educação a Distância)
- Alexandre Bezerra de Oliveira
- Camilla Ferreira de Lima
- Murilo Maia de Carvalho (Estagiário)
- Joel de Castro Mota
- Juliana Bernardes de Faria
- Mário Aguirra Fiorese
- Patrícia Soares (Estagiária)

**Unidades Apoiadoras:**

- Secretaria de Comunicação Social



# *Programa de Formação de Instrutores*



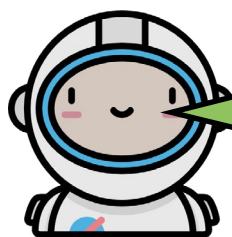
*1ª Etapa*



*Módulo 1*



# Introdução



**Olá, caro aluno! Seja bem-vindo à primeira etapa do Programa de Formação de Instrutores.**

O objetivo desta capacitação é formar pedagogicamente os servidores do STJ para atuarem como instrutores internos nas ações de educação corporativa presenciais, a distância e híbridas, em conformidade com os princípios instituídos no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) do Tribunal. Ao longo desse percurso, você terá contato com temas como avaliação, construção de objetivos de aprendizagem, uso de metodologias ativas, ensino híbrido e muito mais.

Nesse primeiro momento, o foco mira os aspectos gerais da aprendizagem. Por isso, veremos as principais teorias sobre o tema; as contribuições da Pedagogia, da Heutagogia e da Andragogia para o processo de ensino-aprendizagem; alguns estilos de aprendizagem e as suas possíveis relações com o perfil de alunos do STJ.

Então, vamos começar com as teorias acerca da aprendizagem! É importante conhecê-las, pois assim visualizamos como o processo de aprendizagem foi sendo elaborado ao longo do tempo e como esse campo esteve intrinsecamente ligado com o contexto histórico. O passado nos ajuda a compreender o atual momento em que vivemos. E a compreensão da evolução da Pedagogia é ferramenta útil para o planejamento e execução das ações educacionais.

Ao final dessa primeira aula você deverá:

- Identificar características do Comportamentalismo, Cognitivismo, e Conectivismo;
- Relacionar as características das teorias de aprendizagem com o respectivo contexto histórico.





# 1. Contextualização

Caro aluno, como regra geral, podemos afirmar que a aprendizagem se dá a partir das experiências e interações individuais com o meio. Assim, a pessoa adquire dados e informações que, ao serem processados e armazenados internamente, produzirão mudanças em seu comportamento.

Consequentemente, as diferentes teorias de aprendizagem lidam, de um modo ou de outro, com as seguintes categorias:

- **EXPERIÊNCIAS COM O MEIO**
- **PROCESSO E ARMAZENAMENTO DE INFORMAÇÕES**
- **ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS**



As pesquisas sobre aprendizagem surgem no campo da Psicologia, inicialmente voltadas para as modificações comportamentais. Não por coincidência os termos **teorias da aprendizagem** e **teorias de comportamento** eram muitas vezes tidos como sinônimos. Basicamente, as pesquisas nessa área envolviam observações, levantamento de hipóteses, princípios e leis sobre o comportamento humano. Com isso, podemos deduzir que as conclusões acerca da aprendizagem humana eram muito mais simples e abrangentes, pois eram baseadas na lógica “se..., então...”.

Somente a partir do avanço da ciência e da tecnologia, sobretudo com as contribuições da neurociência, surgiu a necessidade de expandir o conhecimento sobre a aprendizagem para além do campo do comportamento. Mesmo assim, essas teorias iniciais se tornaram clássicas e ainda exercem bastante influência sobre as pesquisas e teorias contemporâneas.

Iniciemos, portanto, nossa viagem sobre as teorias de aprendizagem pelo Comportamentalismo.



## 2. Comportamentalismo

Também conhecido por Behaviorismo (do inglês behavior, comportamento), o Comportamentalismo considera a aprendizagem a partir da aquisição de novos comportamentos que surgem como resposta a determinados estímulos. Essa abordagem, portanto, tem como prioridade verificar a ocorrência de aspectos mais objetivos, como **comportamentos observáveis, estímulos, respostas, reforços, recompensas** ou **punições**, não disponibilizando muita atenção à análise dos processos mentais envolvidos na aprendizagem (processamento da informação, memória, motivação e autoconsciência, por exemplo).

Os behavioristas costumam afirmar que:



@Guy\_Lefrançois

“os estímulos (condições que levam ao comportamento) e as respostas (comportamento corrente) [...] são os únicos aspectos do comportamento que podem ser observados; daí, que são as variáveis objetivas que podem ser usadas para desenvolver a ciência do comportamento (LEFRANÇOIS, 2012, p. 23).”



No âmbito do Comportamentalismo, duas correntes de pensamento se destacaram: o condicionamento **clássico** e o condicionamento **operante**. Vejamos as contribuições de cada uma delas.




## 2.1. Condicionamento clássico



Um dos maiores expoentes do condicionamento clássico foi o russo Ivan **Pavlov** (1849-1936). É provável que você já tenha ouvido falar sobre a experiência “do cão de Pavlov”. Se não, acompanhe a narrativa.

Em seus experimentos, Pavlov começou a perceber que os cães salivavam diante da visão do alimento. Posteriormente, ele passou a verificar a influência de outros **estímulos** junto à apresentação do alimento. Assim, sempre que a comida era disponibilizada aos cães, soava junto uma campainha. Com o passar do tempo, Pavlov notou que apenas o fato de soar a campainha já fazia os cães salivarem, mesmo que não fosse apresentando nenhum alimento.

Com este experimento, o pesquisador enunciou que existem:

- 
1. **Estímulos incondicionais** (o alimento). Provocam uma resposta fisiológica, que não envolve a aprendizagem.
  2. **Respostas incondicionais** (a salivação mediante a visão do alimento). São respostas relacionadas a estímulos incondicionais.
  3. **Estímulos condicionais** (a campainha). São condicionais porque evocam respostas que envolvem a aprendizagem.
  4. **Respostas condicionais** (a salivação mediante o toque da campainha). Respostas relacionadas a estímulos condicionais.

A partir desses enunciados, Pavlov sistematizou a teoria do condicionamento clássico, afirmando que um **estímulo condicional, quando associado repetidas vezes a um estímulo incondicional, pode substituí-lo.**





E qual é a relação do condicionamento com a aprendizagem?



Simples! Para Pavlov, a aprendizagem ocorre quando existe **contiguidade** (ocorrência simultânea de eventos) e **reforço** (repetição). Assim, para que o comportamento seja modificado (e lembre-se que, para os behavioristas, mudança de comportamento é sinal de aprendizagem), é necessário que dois eventos estejam associados, produzindo, assim, o efeito **estímulo-resposta (s-r)**.

Veja um exemplo de como seria na prática:

Em ambientes de sala de aula, tanto presenciais quanto *online*, estamos a todo momento em contato com processos não-conscientes do condicionamento clássico, levando-nos, muitas vezes, a gostar ou desgostar de um assunto ou de um professor, por exemplo.

Um estudante que é apresentado repetidas vezes a estímulos incondicionais diversos (um professor simpático e didático, um ambiente acolhedor ou também um professor confuso e um ambiente desconfortável) pode desenvolver reações de acordo com esses estímulos (afeição ou aversão a uma determinada matéria, por exemplo).

Nota: evidentemente, há diversos outros fatores que podem explicar a afinidade ou aversão a temas, mas, por ora, estamos nos concentrando apenas nos fatores comportamentais do condicionamento clássico!

A partir dessas considerações, Lefrançois (2000) apresenta três implicações educacionais do condicionamento clássico:

1. Instrutores devem mapear o que está sendo associado ao quê em sala de aula.
2. Dentro das possibilidades, precisam ampliar a frequência, a nitidez e a potência de estímulos agradáveis.
3. Em contrapartida, precisam minimizar aspectos desagradáveis em sala de aula, reduzindo os efeitos de estímulos incondicionais negativos.

Um outro grande responsável por dar impulso à corrente comportamentalista pelo condicionamento clássico foi o norte-americano John **Watson** (1878-1958). Para Watson, a importância do Comportamentalismo estava em descobrir leis que explicassem a relação entre estímulos, comportamentos e consequências. (LEFRANÇOIS,

2012). Dito de forma resumida (WATSON, 1928, p. 2), o trabalho do behaviorista é “dado o estímulo, prever a resposta – dada a resposta, prever o estímulo”. Elementar, meu caro Watson!

Talvez a grande influência de Watson se deu na ênfase sobre o papel das experiências. Watson afirmava que as diferenças entre os indivíduos são marcadas apenas pelas experiências e oportunidades que eles tiveram. Por isso, por meio de estímulos, era possível condicionar o comportamento para atender a qualquer propósito.

Embora haja críticas ao trabalho de Watson, sob alegação de supervalorização do papel da aprendizagem, como se os seres humanos fossem menos complexos do que aparentam ser, ele foi um dos responsáveis por tornar popular a ideia de que as experiências são forças potencializadoras para moldar padrões de comportamento.




## 2.2. Condicionamento operante




Caro aluno, é impossível falarmos de condicionamento operante sem falarmos de B. F. **Skinner** (1904-1990). Assim como seus antecessores, ele também foi um forte oponente da ênfase dos estudos psicológicos sobre processos mentais, para o autor, eventos e processos não-observáveis.


Por isso Skinner era um “behaviorista-raiz”, pois afirmava que os eventos públicos, observáveis, analisáveis, objetivos e diretos são a **raiz** da Psicologia. Não à toa as pesquisas e resultados obtidos por Skinner constituem o que é chamado na literatura de “behaviorismo radical”.

Os pressupostos básicos da teoria skinneriana são:




 @aed4fun

1. Os fatores que mais influenciam o comportamento não são internos, mas estão fora dos indivíduos e por isso podem ser observados e estudados.

 @aluninho10

2. Logo, é possível descobrir e descrever leis que regem o comportamento humano.

Até aqui nada de diferente, não é mesmo? Mas é a partir desse ponto que Skinner começa a se diferenciar de outros behavioristas. Para ele, o condicionamento clássico de Pavlov e Watson era capaz de explicar apenas alguns comportamentos, mas a realidade humana era muito mais complexa e nem sempre resultava de estímulos simples e óbvios.

Muitos de nossos comportamentos são moldados pelas consequências que eles venham a produzir. Esmiuçando, seria algo como: em determinada situação, agimos de determinada forma e essa resposta irá gerar determinada consequência.

**SITUAÇÃO – RESPOSTA – CONSEQUÊNCIA**



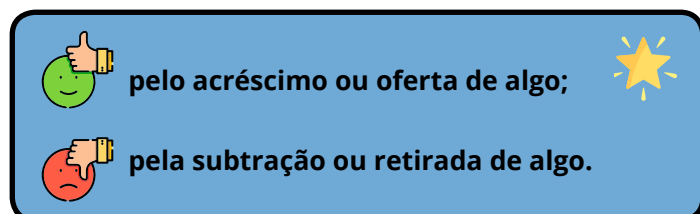
A relação entre situação, resposta e consequência recebeu o nome de **contingência** e, segundo Skinner, as relações de contingências são muito mais complexas do que as relações de estímulo-resposta, pois as contingências são fatores de um comportamento **operante**: nós não apenas reagimos involuntariamente ao ambiente (somos respondentes), mas também agimos voluntariamente nele (somos **operantes**).



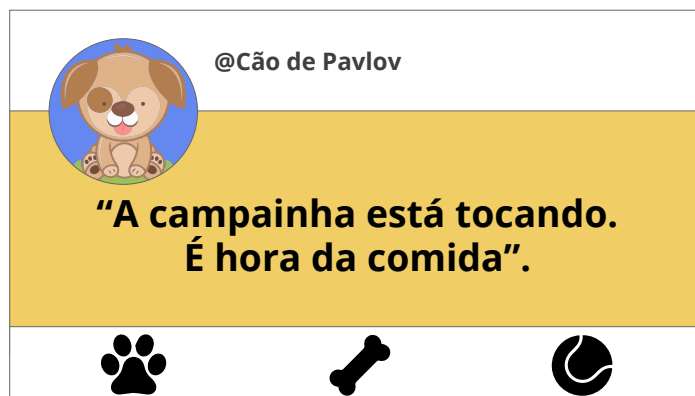
Segundo Skinner, mais importante do que se preocupar com os estímulos é dar atenção às consequências provocadas por determinado tipo de comportamento e que são capazes de reforçá-lo ou suprimi-lo. Imagine que um cão sempre receba comida quando pressiona um botão. Com o tempo, o cão atribuirá o momento de refeição ao ato de pressionar o botão e assim o fará sempre que desejar comer.

Assim, a partir da identificação de um determinado comportamento oriundo de dada consequência, é possível aumentar ou diminuir a probabilidade para que esse comportamento ocorra novamente. Comportamentos reforçados têm alta probabilidade de ocorrerem novamente. Da mesma forma, comportamentos punidos tendem a não acontecerem de novo.

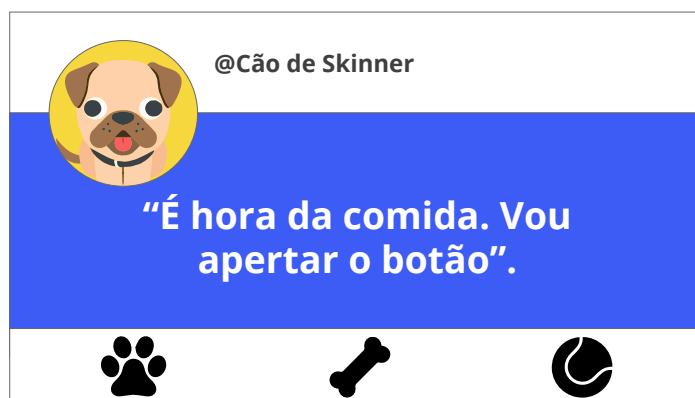
Com base nisso é que Skinner apresenta os conceitos de **reforço positivo** e **reforço negativo**. Na teoria skinneriana, **reforço é tudo aquilo que contribui para que determinado comportamento ocorra novamente**. Entendido? Pois bem, essa contribuição pode acontecer de duas maneiras:



O cão de Pavlov diria:



Já o cão de Skinner diria:



Agora ficou fácil entendermos o que é reforço positivo e reforço negativo.

- **Reforço positivo:** é o acréscimo ou oferta de algo agradável que possa fortalecer a ocorrência do comportamento.
- **Reforço negativo:** é a subtração ou eliminação de algo desagradável que fortaleça a ocorrência do comportamento

Por isso, o reforço positivo costuma associar-se à ideia de **recompensas** (ganhar algo) e o reforço negativo à ideia de **alívio** (ter algo retirado). Porém, o objetivo de ambos os reforços é apenas um só: aumentar a probabilidade da ocorrência de um comportamento, isto é, reforçá-lo!






**Saiba mais!**

Skinner também trabalhou o conceito de punição. A punição é exatamente o oposto do reforço, pois ela tem por objetivo eliminar o comportamento. Existem também dois tipos de punição:

- Punição por penalidade: quando algo agradável é removido.
- Punição por castigo: quando algo desagradável é incluído.

Skinner, porém, criticava o demasiado uso das punições no processo de aprendizagem (aprendizagem por escape ou esqui-va), o que, segundo ele, não era muito eficaz. Para o autor, reforços positivos, como elogios e gestos de gentileza, eram bem mais humanos e mais eficientes (aprendizagem por aproximação). Não se pode esperar o mesmo entusiasmo de alunos que aprendem por meio de consequências negativas tanto quanto dos que aprendem por meio de reforços positivos.

A abordagem comportamentalista foi muito utilizada no contexto da **industrialização**. Diante da necessidade de formar ampla mão de obra em curto prazo, era comum o desenvolvimento de programas de instrução com ênfase em aspectos procedimentais.

Uma das mais conhecidas aplicações da teoria comportamentalista foi a **instrução programada** , técnica de ensino baseada na definição de objetivos de aprendizagem específicos, de acordo com os padrões de comportamento esperados, e segmentação da instrução em pequenos blocos, com material autoinstrucional e que permita feedback imediato. Ainda hoje, a abordagem comportamentalista tem sido amplamente utilizada na elaboração de objetivos instrucionais e como parâmetro para **avaliações de impacto**.

**Saiba mais!**

O objetivo da avaliação de impacto (ou aplicação) é identificar o grau de aplicação das competências aprendidas pelo aluno no desempenho (repertório comportamental) das atividades de sua unidade de trabalho.

Porém, a partir de novas pesquisas e estudos na área da aprendizagem, novas teorias foram ganhando corpo. Já dizia Amsel (1989, p.1):



@Abram\_Amsel

"Gostaria de destacar que os psicólogos S-R, que em certa ocasião governaram, agora estão na oposição; os cognitivistas são os novos governantes."



Vejamos agora a abordagem cognitiva.



# 3. Cognitivismo


Conhecer. Um verbo muito utilizado por nós! “Você conhece essa música?”, “Ontem eu conheci aquele restaurante que você me indicou”. A todo momento estamos diante de coisas ou situações **cognoscíveis**, ou seja, que podem ser conhecidas. Além dos significados mais básicos de conhecer, cognição tem a ver também com pensar, compreender, imaginar, processar informações, enfim, com atividades de cunho intelectual.

É daí que vem o termo **cognitivismo**, abordagem que lida com os processos mentais relacionados ao processo de aprendizagem e que envolvem atenção, percepção, aquisição e armazenamento de novas informações e a relação destas com aquelas já existentes em nossa estrutura mental.




A transição do behaviorismo para o cognitivismo (se é que podemos falar de transição) não ocorreu de forma abrupta, mas foi um processo lento, a partir dos estudos de neobehavioristas, em que neo se refere à inclusão de categorias como pensamento e imaginação nos estudos sobre processo de aprendizagem (LEFRANÇOIS, 2012).


Esse momento histórico pode ser resumido nestas afirmações:

“É a cognição que realiza a conexão entre a ação e o resultado”.




@rei\_do\_ead15


“Todo comportamento é direcionado a um objetivo pela cognição”.




@estudante1

“É a cognição que realiza a conexão entre a ação e o resultado”.

@ead21

“O comportamento nunca é apenas o resultado de estímulos e respostas sem o uso do pensamento”.

Assim, o cognitivismo se debruça sobre processos mentais como: formação de conceitos, memória, linguagem, pensamento. Por conta dos diferentes objetos de estudo, não é comum encontrar teorias cognitivas sistemáticas que expliquem a aprendizagem como um todo e de forma ampla; pelo contrário, as pesquisas têm sido concentradas em áreas específicas. Vejamos algumas dessas teorias.





## 3.1. Teoria da categorização (Jerome Bruner)

Para Bruner (1915-2016), toda atividade cognitiva envolve a construção de categorias, consistindo na classificação de objetos (ou qualquer outra coisa) em grupos. A partir dessa classificação, estabelecemos regras, conceitos e características que permitem identificar um objeto e diferenciá-lo de outro.

Para exemplificar, é provável que você esteja lendo esse conteúdo na tela do computador. O conceito (categoria) de computador envolve uma série de regras que permitem identificar um objeto como um computador e também afirmar que uma bola não é um computador. Da mesma forma, podemos nos deparar com dois modelos diferentes de computadores e continuar com a certeza de que, embora não sejam iguais, ainda continuam sendo computadores.

Mas o que isso tem a ver com aprendizagem? Para Bruner, sempre que nos propomos a categorizar algo, estamos tomando decisões sobre como reagir ao objeto. Portanto, podemos selecionar estratégias para lidar com ele, estabelecer relações com outros objetos, elaborar hipóteses. Além disso, a tarefa de categorizar melhora a retenção da aprendizagem, facilita o repasse de informações e desenvolve a capacidade de solucionar problemas.



## 3.2. Construtivismo (Jean Piaget)

A formação em Biologia influenciou fortemente os trabalhos do suíço Jean Piaget (1896-1980) e explica alguns dos conceitos trabalhados por ele, como adaptação, assimilação e acomodação. Para o biólogo, a relação do indivíduo com o meio é sempre de adaptação, ou seja, nossas respostas ficam cada vez mais complexas, coordenadas e intencionais na medida em que a realidade se apresenta mais complexa também.

Esse processo de adaptação somente é possível por conta da **assimilação** e da **acomodação**. Ao nos depararmos com uma situação, reagimos a ela com ações ou conhecimentos que já possuímos (conhecimentos prévios). A internalização de uma situação aos nossos esquemas cognitivos já estabelecidos é chamada de **assimilação**.



Pode ser que nossos conhecimentos prévios resolvam a situação, porém o mais comum é que eles se mostrem insuficientes, ainda mais quando se trata de uma situação nova (por isso aprendemos sempre) e temos que “quebrar a cabeça” para resolvê-la. O fato de não conseguirmos responder a uma nova situação com nossos conhecimentos prévios provoca um desequilíbrio em nossas estruturas cognitivas, o que nos impulsiona a construir novas estruturas mentais. Quando há a necessidade de rearranjar as estruturas cognitivas para que possamos compreender a nova situação, estamos diante do processo de **acomodação**. Portanto, temos que a relação entre assimilação e acomodação conduz à adaptação.

Além disso, para Piaget também é importante a **equilibração** (sim, caro aluno, o termo é esse mesmo!), que é a relação harmônica entre a ocorrência de assimilação e acomodação. Pense comigo: se temos muita assimilação, nunca vamos aprender algo de novo. Por outro lado, se temos muita acomodação, a nossa relação com o conhecimento nunca alcançaria momentos de estabilidade.

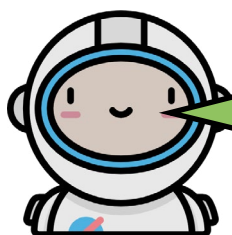


### 3.3. Sociointeracionismo (Vygotsky)

Antes de mais nada, a teoria de aprendizagem desenvolvida por Vygotsky (1896 – 1934), a depender do autor, é classificada como parte da abordagem cognitiva ou construtivista. Ambas as classificações não estão incorretas, já que Vygotsky tanto pesquisou os sistemas **cognitivos** relacionados à construção de significados, como a própria **construção** do significado.

Em nosso curso, porém, optamos por relacionar a teoria do autor ao cognitivismo no aspecto socionteracionista, uma vez que Vygotsky também enfatizou a influência da cultura e da interação social no desenvolvimento humano e na aprendizagem, diferenciando-se de Piaget, cujo foco se deu nos processos internos (assimilação, acomodação, adaptação e equilíbrio, como vimos anteriormente).

A partir de agora, quando você ouvir falar de interação social, de importância da cultura para a aprendizagem, lembre-se de Vygotsky. Para o autor, a relação humana com o meio não é direta, mas sempre mediada. Tudo porque criamos ferramentas, desenvolvemos símbolos e conferimos significado às coisas à nossa volta. Esse processo de elaborar significado, porém, não é simples, e exige a utilização de **funções mentais superiores**.



**Funções mentais superiores? “Houston, temos um problema”!**

Segundo Vygotsky, dispomos de funções elementares, relacionadas com nossas tendências, ações e comportamentos naturais (aquilo que não é aprendido, como o choro e a capacidade de sugar do recém-nascido, por exemplo). Em resumo, são nossos “instintos”. Porém, à medida que nos desenvolvemos, vamos **interagindo** cada vez mais com a cultura e aquelas funções elementares vão sendo transformadas em funções superiores (escrita, desenho, atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos), sobretudo com a aquisição da linguagem

Atenção para a cereja do bolo! Conforme a teoria vygotskyana, devido à interação com o meio, dificilmente chegamos diante de uma ação educacional sem nenhum tipo de conhecimento que não possa ser aproveitado. Em outras palavras, sempre dispomos de um potencial, que é diferente para cada pessoa devido à trajetória distinta de cada uma.



Suponha que você possui um conhecimento básico sobre um assunto X e foi desafiado a responder perguntas básicas sobre ele. Até aqui tudo bem, não é mesmo? Num segundo momento, o nível de dificuldade aumenta um pouco e, antes que você se desespere, outra pessoa com conhecimentos mais avançados foi designada para lhe ajudar. Melhorou, não foi? A partir da interação, da orientação e do trabalho conjunto com essa pessoa, você conseguiu resolver problemas mais complexos sobre o assunto, algo que não teria acontecido se você estivesse feito tudo de forma individual e independente.

À diferença entre o nível de potencialidade individual e o nível de potencialidade, quando orientado por alguém ou em colaboração com outra pessoa, Vygotsky deu o nome de **Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP**.



Para o autor, o instrutor deve pensar e elaborar atividades que não sejam muito fáceis, que os alunos possam realizá-la sem nenhum tipo de esforço; nem muito difíceis, a ponto de os alunos não conseguirem resolvê-la mesmo quando ajudados.



## 4. Conectivismo

Estamos chegando ao final do percurso sobre as principais teorias de aprendizagem. Nossa última parada é no Conectivismo. Diferente das outras abordagens, o conectivismo não lida com o processo de aprendizagem sob o ponto de vista científico, mas baseado no paradigma da aprendizagem no contexto das novas tecnologias da informação e comunicação, analisando a postura dos indivíduos diante desse novo cenário.

Sistematizado por George Siemens, o conectivismo compreende a aprendizagem como o processo de construir redes de conhecimentos aplicados a problemas reais. Para o autor, a aprendizagem já não é mais algo que se encontra plenamente na esfera individual ou de grupo, mas está capilarizada, espalhada em outras pessoas, na organização ou em um banco de dados. Assim, quanto mais criamos conexões externas, mais potencializamos a aprendizagem. Portanto, o conectivismo tem o seu foco na construção e manutenção de conexões em rede atuais e flexíveis, a ponto de serem aplicadas em situações ou problemas emergentes.

De acordo com Siemens (apud FILATRO, 2015), o conectivismo tem por princípios:



@George\_Siemens

- A aprendizagem e o conhecimento residem na diversidade de perspectivas e opiniões;
- Aprender é um processo de conectar nós e fontes de informação especializados;
- A capacidade de “aprender mais” ou “saber mais” é mais crítica que o conhecimento atual;
- A necessidade de alimentar e manter conexões para facilitar a aprendizagem continuada;
- A capacidade de reconhecer conexões entre campos, ideias e conceitos é uma habilidade-chave;
- A tomada de decisão é em si mesma um processo de aprendizagem – escolher o que aprender e atribuir significado à informação “entrante” são ações realizadas sob a perspectiva de uma realidade mutante;
- A aprendizagem pode estar em aplicativos não humanos;
- Conhecimento atual, preciso e atualizado é o objetivo de todas as atividades de aprendizagem conectivistas.



Nesse contexto, o papel do aluno não é memorizar ou reter informações, mas encontrar e aplicar o conhecimento quando e onde for necessário (MATTAR, 2013, p. 24). Os alunos formam, então, redes, de acordo com as necessidades de aprendizagem reais, estabelecendo comunidades que possuam conhecimentos relevantes para os objetivos de aprendizagem ou tema proposto.

Na proposta conectivista, o professor contribui tanto atuando em conjunto com os alunos na produção de conteúdos quanto agregando uma avaliação crítica sobre as discussões e os conteúdos desenvolvidos.





# Considerações finais

Caro aluno, chegamos ao final da nossa excursão sobre as teorias pedagógicas. De fato, as teorias de aprendizagem são diversas. Porém, apresentamos aqui um recorte daquelas consideradas principais ou mais difundidas.

Nessa aula, aprendemos sobre o comportamentalismo (condicionamento clássico operante), o cognitivismo, o sociointeracionismo e o conectivismo. Vimos como essas teorias estão relacionadas umas com as outras e serviram ao contexto da época em que surgiram.

Você pôde perceber também que, embora a prática de um professor não seja total e plenamente guiada por uma abordagem, existem pequenas ações que encontram base em uma das teorias. Assim, quando elogiamos um aluno, estamos reforçando a ocorrência de um comportamento (reforço positivo, de Skinner). Da mesma forma, quando propomos um trabalho em dupla, estamos promovendo a interação e o uso da Zona de Desenvolvimento Proximal, de Vygotsky.

Espero que você tenha apreciado o primeiro módulo. Dúvidas ou questionamentos, compartilhe no fórum (aplicando a conectividade de George Siemens).



Até a próxima!





# *Programa de Formação de Instrutores*



*1ª Etapa*

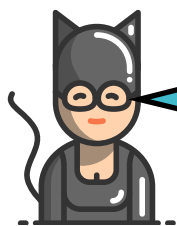


*Módulo 2*





# Introdução



**Olá, caro aluno! Seja bem-vindo ao módulo II.**

Nesse segundo módulo abordaremos as características da educação corporativa. Além disso, veremos os principais aspectos da Pedagogia, Andragogia e Heutagogia. Alguns desses termos podem ser desconhecidos para você. Por isso é importante apresentá-los, uma vez que vão fornecer as bases do planejamento de ações educativas para o público-alvo adulto, que é o nosso caso.

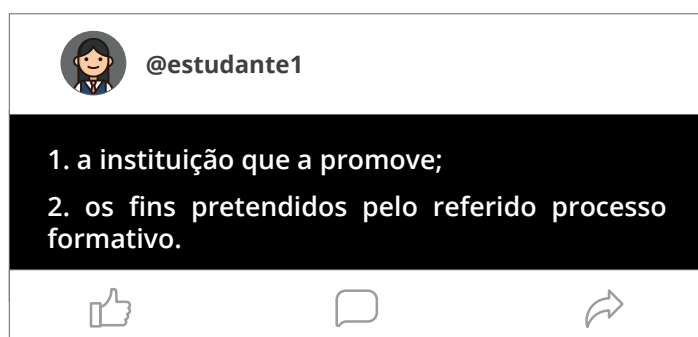
Assim, ao final desse módulo, você deverá:

- Definir educação corporativa;
- Diferenciar Pedagogia, Andragogia e Heutagogia;
- Compreender semelhanças e diferenças entre os termos Pedagogia e Andragogia;
- Descrever as seis pressuposições da Andragogia;
- Relacionar elementos da Heutagogia com as características da Andragogia.



# 1. Educação corporativa

De forma geral, a educação se refere a processos formativos que se desenvolvem nos mais diversos âmbitos: vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Assim está expresso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96). Desse modo, podemos afirmar que a especificidade do tipo de educação é dada por dois fatores:



No âmbito da educação corporativa, compreendemos que a modalidade é impulsionada por instituições de caráter profissional para atender objetivos de capacitação, refletindo sobre a importância do conhecimento humano para o alcance da missão organizacional.

Por meio do incentivo à aprendizagem contínua, o propósito da educação corporativa é formar e desenvolver o capital intelectual como fator estratégico de alcance de seus objetivos (MEISTER, 1999). Portanto, ela pode ser definida como o conjunto de processos formativos que conduz os indivíduos a desenvolverem competências consideradas críticas para viabilizar as estratégias e negócios da organização (ÉBOLI, 2004).

A partir do mapeamento das competências necessárias, a organização delinea ações e soluções de aprendizagem que estimulam o perfil a ser desenvolvido pelos aprendizes, podendo selecionar conteúdos e atividades baseados nos conhecimentos, habilidades e atitudes necessários à consecução dos objetivos a serem cumpridos.

Segundo as autoras acima apontam, a introdução desse modelo influencia a mudança de alguns paradigmas, tais como a transferência do centro da educação da figura do professor para a do aluno e a consequente preparação de metodologias e materiais adaptados às características do público-alvo.

Meister (1999) também identifica que o modelo de educação corporativa influenciou a passagem, por parte do aluno, de uma postura passiva de aprendizagem para uma ativa, fazendo com que os alunos desejassem ter um maior controle e acesso à aprendizagem, uma vez que começaram a identificar a intrínseca relação entre aprendizagem contínua e ocupacionalidade.

Diante do relevante papel do STJ, é importante que os servidores da casa estejam preparados para lidar com as crescentes demandas jurídicas, administrativas e tecnológicas. Portanto, é fundamental que haja preparação e desenvolvimento do seu corpo funcional, com vistas ao fortalecimento do desempenho institucional.



## 2. Pedagogia

Caro aluno, como acabamos de ver, as crescentes demandas de uma instituição geram necessidades de capacitação que fomentam as ações de educação corporativa. A partir de um problema educacional, planejamos uma solução educacional! E para essa solução temos o auxílio da Pedagogia.

No universo da Educação, é muito comum ouvirmos expressões como: teorias pedagógicas, trabalho pedagógico, coordenador pedagógico, projeto pedagógico de curso, dentre outras. Todas elas apresentam algum termo relacionado à Pedagogia, atestando que esta seja um importante componente da ação educacional.



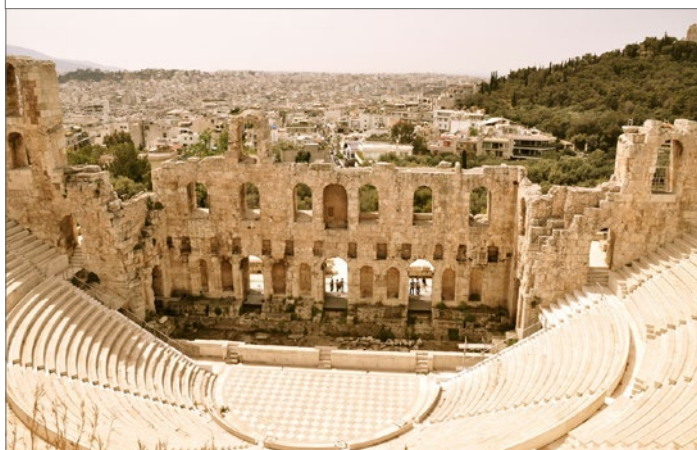
**Mas o que vem a ser a Pedagogia, então?**

Façamos, rapidamente, uma viagem no tempo de volta ao período clássico da civilização grega (séculos V e IV a.C.). O termo Pedagogia surgiu da junção das palavras gregas *paidós* (criança) e *agógus* (conduzir). Referia-se, inicialmente, à ação do escravo, na educação ateniense, de **conduzir, acompanhar a criança** aos locais de estudo, nos quais a criança aprenderia a alfabetização, os exercícios físicos e a educação musical. O *paidagogus*, portanto, era o escravo responsável por essa ação.

Ora, a ação de educar pressupõe uma relação entre teoria e prática (práxis). Todavia, nem sempre as práticas educacionais estiveram embasadas por fundamentação teórica, sendo muitas vezes guiadas pelo senso comum, por exemplo.



@aluninho10



Com o estabelecimento da figura do cidadão ateniense surge, portanto, a necessidade de elaborar uma teoria de educação para a formação integral (**paideia**) do homem grego. Por isso, o conceito de Pedagogia foi ampliado ao longo do tempo para representar a **teoria geral sobre educação**.

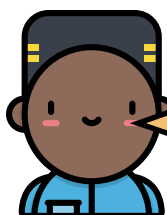


Termo sem correspondente no português. De acordo com Jaeger (1995), para abranger o campo total do conceito de *paideia*, teríamos de empregar os termos civilização, cultura, tradição, literatura ou educação todos de uma só vez.



Em seu sentido amplo, a Pedagogia pode ser entendida como a ciência da educação. É a ciência que investiga a teoria e a prática da educação nos seus vínculos com a prática social global (LIBÂNEO, 2006, p. 13). Nesta concepção, falar de Pedagogia envolve tratar da necessidade de tornar a prática educacional intencional e mais eficaz, estabelecendo maior rigor conceitual com a sistematização de conhecimentos, a definição dos objetivos a serem alcançados e a escolha dos meios que serão utilizados (ARANHA, 1996). Temos, pois, que a educação é o objeto de estudo da Pedagogia, que investiga os meios apropriados para a formação dos indivíduos, tendo em vista prepará-los para as tarefas da vida social (LIBÂNEO, 2006, p. 24).

A pedagogia, portanto, aborda os princípios educacionais, a organização do trabalho educacional, os aspectos didáticos e metodológicos e as diferentes teorias e concepções pedagógicas. **É essa abordagem ampla da Pedagogia que vamos trabalhar em nosso curso.**



**Mas por que é importante conhecer e discutir esses temas? Não seria mais efetivo o professor ser direto e repassar o máximo possível de conteúdos no menor tempo disponível? Menos não é mais?**

Essas perguntas são bastante relevantes e não devem ser menosprezadas. São perguntas sinceras e honestas que normalmente surgem em ações de capacitação para formação de instrutores. Vamos nos ater a elas por um instante.

Você já deve ter ouvido aquela historinha do lenhador e seu machado, não é verdade? Se não, reproduzo-a aqui resumidamente:



Era uma vez...

Um velho lenhador foi desafiado por um outro lenhador jovem e forte para uma disputa a fim de ver qual dos dois cortaria mais árvores.

Durante a competição, o jovem se empenhou na disputa com grande vigor, certo de que seria o novo

campeão. Entre uma árvore e outra, olhava para o velho lenhador e o via sentado na maior parte das vezes. Pensou, então, que a vitória estava certa, uma vez que o seu oponente parecia cansado demais para seguir adiante.

Ao final da competição, qual não foi a grande surpresa do jovem ao constatar que o velho lenhador havia vencido com grande vantagem o desafio.

Surpreendido, indagou:



**- Como pode? Quase todas as vezes em que eu olhei, o senhor estava sentado, descansando!**

**- Não, meu filho, você se equivocou! Eu não estava descansando, estava afiando o machado.**







A parábola nos mostra que, às vezes, mais é menos. Mais trabalho em um determinado período pode reduzir os esforços posteriormente ou, até mesmo, evitar o retrabalho. E é justamente aí que entra a importância de conhecer os elementos fundamentais da Pedagogia.

Observe que eu falei “os elementos fundamentais”! Não é nossa intenção neste curso tratar de todas as possibilidades pedagógicas, mas, certamente, veremos as principais metodologias e técnicas educacionais contemporâneas para que você disponha de uma gama de recursos a fim de planejar e ministrar uma aula. Assim, a Pedagogia atua na relação de **teorias** que possam embasar com efetividade a **prática, evitando** ações de improviso. Lembre-se sempre disso!

Nessa tarefa, uma importante aliada da Pedagogia, sem dúvida, é a didática, que abrange uma série de ações voltadas essencialmente para a atividade de ensino. De acordo com Libâneo (p. 13), a didática é definida como uma disciplina pedagógica que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino tendo em vista as finalidades educacionais [...].

Se a Pedagogia é a teoria geral sobre a educação, a **didática** é a teoria geral sobre o **ensino**, pois estabelece condições e modos de realização do ensino, converte objetivos organizacionais em objetivos instrucionais, seleciona os métodos e os conteúdos mais adequados para cumprir esses objetivos e vincula o ensino com a aprendizagem (LIBÂNEO, 2006).

Tenha em mente, então, que, na condição de instrutor, sua principal função é o ensino, que envolve aspectos do direcionamento, da organização, da orientação, da facilitação e do estímulo à aprendizagem dos seus alunos.

E por falar em facilitar a aprendizagem, é comum ouvirmos que o professor do século 21 não possui mais a função de transmitir conteúdos, não cumprindo mais o papel de fonte do conhecimento, uma vez que dados e informações estão disponíveis na internet. Hoje em dia, prega-se que o professor seja um facilitador, um orientador da aprendizagem.

Todavia, não se pode admitir que o professor não tenha firme domínio de conteúdo. Um dos deveres do professor é o de possuir **competência disciplinar**, relativa ao bom domínio dos conteúdos ministrados e de sua área de estudo, pois só assim é capaz de orientar a aprendizagem de seus alunos e estabelecer relações entre temas, articular assuntos e propor atividades significativas.

Além da competência disciplinar, o professor também deve possuir **competências pedagógicas**. Tais competências se referem ao domínio das práticas pedagógicas, traduzidas em metodologias e estratégias de ensino que levem em consideração as características do público-alvo, os objetivos gerais e específicos de aprendizagem, os valores, as diretrizes e os princípios pedagógicos da instituição.

Para atuação na educação a distância (e na modalidade híbrida), também é necessário que o professor apresente competências tecnológicas. Nesse caso, não é preciso que o instrutor seja um “expert” de todas as ferramentas de um ambiente virtual de aprendizagem, por exemplo, mas é recomendável que ele possua um conhecimento razoável sobre os recursos disponíveis e saiba extrair as possibilidades pedagógicas dessas ferramentas. Afinal, sem o componente pedagógico, as tecnologias para aprendizagem estarão sendo subutilizadas.

Agora que já vimos que tipos de temas são tratados no campo da Pedagogia, passaremos a abordar a Andragogia.



### 3. Andragogia

De acordo com um levantamento feito na Coordenadoria de Desenvolvimento de Pessoas do STJ, o número de servidores do Tribunal pode ser distribuído, de acordo com a faixa etária, nas seguintes porcentagens:

Pelos dados, observamos que o maior número de servidores se encontra na faixa de 30 a 50 anos. Os dados correspondem ao que a literatura afirma sobre os sujeitos da educação corporativa. De maneira geral, eles apresentam características bastante similares, normalmente identificados como adultos que possuem responsabilidades, valores e conhecimentos práticos que têm consciência do que desejam encontrar em uma ação de capacitação. Além disso, na maioria dos casos, esses indivíduos possuem tempo escasso e suas motivações, que são impulsionadoras do processo de aprendizagem, estão relacionadas à empregabilidade ou à aspiração por ascensões no cargo e na carreira (KENSKI, 2009).

Entre 18 e 25 anos: 1,16%  
Entre 26 e 30 anos: 8,07%  
**Entre 31 e 40 anos: 31,80%**  
**Entre 41 e 50 anos: 35,14%**  
Entre 51 e 60 anos: 21,84%  
Maior de 60 anos: 1,99%



Percebe-se, portanto, que a educação corporativa está voltada ao aluno adulto, o que nos remete à perspectiva de educação andragógica. O termo Andragogia vem do grego andros

- adulto, e agogos - guiar, conduzir, e foi utilizado pela primeira vez por Alexander Kapp, em 1833, para descrever os elementos da teoria platoniana de educação, a qual estimulava a interação e a dialética em pequenos grupos de jovens e adultos.

Almeida (2009) afirma que a Andragogia é um novo conceito educacional, relacionado à educação de adultos que decidem aprender algo que consideram importante para a sua vida e seu trabalho, tendo um papel ativo em seu processo de aprendizagem e na realização de atividades.

Porém, foi com Malcom Knowles, um dos principais autores na abordagem andragógica, a partir da obra *The adult learner: a neglected species* (O aprendiz adulto: uma espécie negligenciada), de 1973, que o termo Andragogia foi recuperado.

Nesta obra, o autor afirma que a maioria das teorias sobre aprendizagem de adultos estava baseada nas pesquisas advindas da aprendizagem de crianças, e estas, por sua vez, baseadas em teorias de aprendizagem animal (KNOWLES, 1973).



Reafirmando a necessidade de uma teoria que levasse em consideração as características do adulto, Knowles et al. (2011) apresentaram seis pressupostos para esse perfil de aprendiz:

## 1. A necessidade do aprendiz de saber

Os adultos precisam saber por que necessitam aprender algo antes de começar a aprendê-lo. Esse pressuposto sugere que há três dimensões para a necessidade de saber: a necessidade de saber como a aprendizagem será conduzida, que tipo de aprendizagem ocorrerá e por que ela é importante. Logo, devemos considerar os alunos como parceiros da aprendizagem e buscar formas de envolvê-los no planejamento de uma ação de educação corporativa. Algumas práticas podem ser feitas:

- Mesmo que o conteúdo já esteja definido, pode-se compartilhar o controle das estratégias pedagógicas e metodologias com os alunos.
- Previamente, pode-se repassar ao servidor as principais informações sobre a ação de educação (temas abordados, resultados esperados etc.).
- Buscar compreender as expectativas e os desejos dos participantes (pesquisas, entrevistas etc.).
- Planejar ações bem contextualizadas; coletar com os servidores informações que permitam novas modelagens.

## 2. O autoconceito do aprendiz

O autoconceito do adulto tende à autodireção, ou seja, à capacidade de se perceber responsável pelas próprias decisões. Uma vez assumido esse conceito de si próprio, o adulto desenvolve uma profunda necessidade psicológica de ser visto e tratado pelos demais como sendo capaz de se autodirigir. Quando esse autoconceito é quebrado, o adulto experimenta uma tensão que pode interferir no seu processo de aprendizagem.

Interessante notar que, na medida em que o aluno se torna mais autônomo, mais o professor se esvazia do seu papel diretivo. É um desafio para o professor, portanto, perceber diferentes graus de autonomia nos alunos e selecionar estratégias de acordo com esses diferentes graus. A tabela a seguir (adaptada de GROW, 1991) nos mostra alguns indicativos:

	Aluno	Professor	Exemplos
<b>Estágio 1</b>	Dependente	Autoridade	Repetições. Palestra informativa. Superar deficiências e resistência.
<b>Estágio 2</b>	Interessado	Motivador, guia	Palestra inspiradora seguida de debate. definições de objetivos e estratégias de aprendizagem.
<b>Estágio 3</b>	Envolvido	Facilitador	Discussão facilitada pelo professor que participa como par. Seminário. Projetos em grupo.
<b>Estágio 4</b>	Autodirigido	Consultor, delegador	Estágio, dissertação, trabalho individual ou grupo de estudos autodirigido.



### 3. A experiência anterior do aprendiz

À medida que o indivíduo amadurece, ele acumula experiências que podem se tornar um recurso cada vez mais rico para a aprendizagem, proporcionando-lhe, também, uma base mais ampla para relacionar novos ganhos. Por isso, há uma ênfase cada vez menor nas técnicas de transmissão do ensino tradicional e uma ênfase maior nas técnicas experienciais que aproveitam a experiência dos aprendizes e os envolvem na análise de sua vivência.

De acordo com *Knowles et al.* (2011), as implicações do papel da experiência na aprendizagem são:



@Malcolm Knowles

1. Criar gama maior de diferenças individuais;
2. Propiciar um ambiente rico de aprendizagem;
3. Criar tendências que podem inibir ou moldar a nova aprendizagem;
4. Oferecer uma base para a autoidentidade dos adultos.



### 4. A prontidão para aprender

À proporção que o indivíduo amadurece, sua prontidão para aprender está cada vez mais no produto das tarefas de desenvolvimento necessárias para o desempenho de seus papéis sociais. Na Andragogia, os adultos estão prontos para aprender as coisas “que precisam” por causa das fases que estão vivendo em seus papéis como trabalhadores, cônjuges, pais, membros organizacionais e líderes, usuários de tempo de lazer e afins.

Portanto, no planejamento de uma ação de educação corporativa, quanto mais for possível antever e compreender as situações de vida dos adultos, mais eficaz ela se torna. A sintonia acontece quando se reconhece em que ponto os aprendizes estão ao iniciar uma experiência de aprendizagem, mantendo-se atento a mudanças nas necessidades de direção e apoio durante a experiência de aprendizagem.

### 5. A orientação para a aprendizagem

Para o adulto, a orientação da aprendizagem é centrada na vida (ou centrados na tarefa ou no problema). Ele assimila novos conhecimentos, de maneira mais eficaz, quando é apresentado a contextos de aplicação em situações da vida real. Em grande parte das vezes, o adulto entra em uma atividade educacional porque ele está experimentando alguma inadequação com problemas atuais da vida. Assim, ele pretende aplicar amanhã o que aprende hoje. Sua perspectiva de tempo é, portanto, de aplicação imediata.





## 6. A motivação para aprender

Os adultos respondem a fatores motivacionais externos (melhores empregos, promoções e salários mais altos, por exemplo). Entretanto, os fatores mais poderosos são as pressões internas (desejo de ter maior satisfação no trabalho, autoestima, qualidade de vida). Em resumo, a aprendizagem é mais valorizada quando há valor pessoal para o estudante.

Em relação à docência, instrutores com conhecimento especializado, empatia, entusiasmo e didática podem ser importantes atores em promover a motivação dos alunos. Como vimos no tópico sobre Comportamentalismo, no módulo 1, uma boa relação professor/aluno funciona como um reforço positivo.



**E você? Identificou-se com os pressupostos da Andragogia?  
De que forma uma ação de educação corporativa  
poderia se adequar às suas características?**



Pelos pressupostos apresentados, podemos perceber que a aprendizagem para o adulto precisa ser significativa, ou seja: deve haver uma intensa relação entre o que é aprendido e o contexto de atuação do adulto aprendiz. Uma ação de capacitação que não possui qualquer correspondência com o trabalho do educando pode causar desmotivação.

Partindo deste ponto, o adulto aprendiz faz escolhas que lhe são mais vantajosas para o desempenho do seu trabalho, ponderando os efeitos de suas decisões. Essa característica nos leva à Heutagogia, um conceito que amplia a perspectiva andragógica.



## 4. Heutagogia

De todos os conceitos vistos neste módulo, provavelmente a Heutagogia (*heuta* — auto, próprio — e *agogus* — guiar, conduzir) seja o menos conhecido. O desconhecimento pode ser explicado porque estamos acostumados com um modelo passivo de ensino e aprendizagem. O ideal da Heutagogia passou a ser propagado há pouco tempo, exatamente nesse momento no qual vivenciamos um cenário de grandes e rápidas mudanças, com o surgimento de ambientes instáveis e imprevisíveis, levando-nos à necessidade de aprendizagem contínua cada vez mais eficaz.



**Saiba mais!**

A aprendizagem contínua é um **valor institucional** do nosso Tribunal. De acordo com o planejamento estratégico do STJ, ter uma postura de aprendizagem contínua significa assumir a responsabilidade de se desenvolver continuamente, de forma a contribuir para o crescimento pessoal e profissional, bem como para o desempenho organizacional.

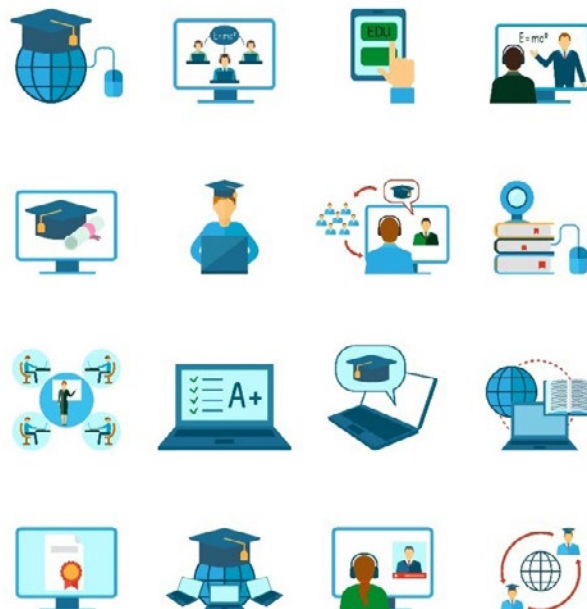
Tendo isso em vista, a Heutagogia se refere à autoaprendizagem e envolve a valorização da autonomia e capacidade de autodireção do aluno a fim de torná-lo gestor de sua própria aprendizagem, de forma que possa guiar-se no que, como e quando pode aprender.

Decorre da Heutagogia a ação de aprender a aprender, ou seja, a capacidade de adaptar estilos e formas de aprendizagem a diferentes situações educacionais. A ênfase da Heutagogia, de acordo com Hase e Kenyon (apud ALMEIDA, 2009)

A Heutagogia, para o aluno, se traduz em gerir seu próprio processo de aprendizagem. E quanto ao professor, como seria sua maneira de atuar nesta perspectiva? Em um contexto heutagógico, o professor deve utilizar metodologias que estimulem o desenvolvimento da criatividade, autonomia e liberdade para a autogestão da aprendizagem, buscando e selecionando diferentes contextos de interação, como também compartilhando experiências significativas (ALMEIDA, 2009).



@heutagogo45



@Stewart Hase e Chris Kenyon

“incide sobre o desenvolvimento das pessoas para lidar com um mundo em contínua transformação, o que exige flexibilidade para atuar em espaços de trabalho carregados de incertezas. A abordagem volta-se para a formação de pessoas que possam “ser proativas em lugar de simplesmente reativas” e comprometidas com a construção da cidadania.”



# Considerações finais

Caro aluno, neste segundo módulo estudamos os conceitos de Pedagogia, Andragogia e Heutagogia. Falar de Pedagogia, enquanto ciência da educação, envolve tratar de princípios educacionais, da organização do trabalho educacional, de questões didáticas e metodológicos, dentre outros aspectos.

Já a Andragogia se refere a uma perspectiva educacional cujos sujeitos principais são adultos situados em um contexto corporativo. Para tais indivíduos, a aprendizagem tem caráter significativo, uma vez que buscam aprender algo que consideram importante para a sua vida e seu trabalho.

Por fim, a Heutagogia diz respeito à autogestão da aprendizagem pelo próprio aprendiz. Como decorrência da Heutagogia, os educandos têm o desafio de aprender a aprender, ou seja, adaptar estilos e formas de aprendizagem de acordo com as especificidades de cada ação de educação corporativa.



Até o próximo módulo!





# *Programa de Formação de Instrutores*



*1ª Etapa*



*Módulo 3*



# Introdução

Caro aluno, chegamos ao último módulo da nossa primeira etapa do Programa de Formação de Instrutores. Já abordamos as principais teorias de aprendizagem, as características da educação corporativa, da Andragogia e Heutagogia. Agora, vamos conhecer os principais estilos de aprendizagem e tipos de inteligência para que possamos planejar aulas mais contextualizadas e significativas.

## Objetivos

- Explicar as contribuições dos estilos de aprendizagem para o processo de ensino e aprendizagem;
- Identificar os estilos de aprendizagem de acordo com o modelo VARK;
- Descrever os tipos de inteligência conforme a teoria de Howard Gardner;
- Descrever os estilos de aprendizagem conforme a teoria de David Kolb.



# 1. Contextualização

Como vimos no módulo II, a educação lida com processos formativos que ocorrem nos mais diversos âmbitos, cada qual com suas especificidades. Este cenário nos leva a pensar na diversidade de processos formativos pelos quais cada um de nós passou ao longo da vida.

Somando-se à base de formação ainda temos os nossos objetivos pessoais e profissionais, as nossas características genéticas e as nossas múltiplas experiências. Todos esses componentes acabam formando o que somos e, de certa forma, como aprendemos.

Somos a espécie conhecida pela criatividade, pela capacidade de inovar, de remodelar, de adaptar, de descobrir e desbravar novos caminhos e percursos. Somos um conjunto de mentes brilhantes.

Todavia, algumas práticas de ensino tendem a suprimir nossas características e procuram uniformizar a forma como lidamos com a aprendizagem. Eis o modelo industrial de educação: mais pessoas em menos tempo; todos iguais aprendendo no mesmo ritmo e pelo mesmo padrão.



## Para refletir!

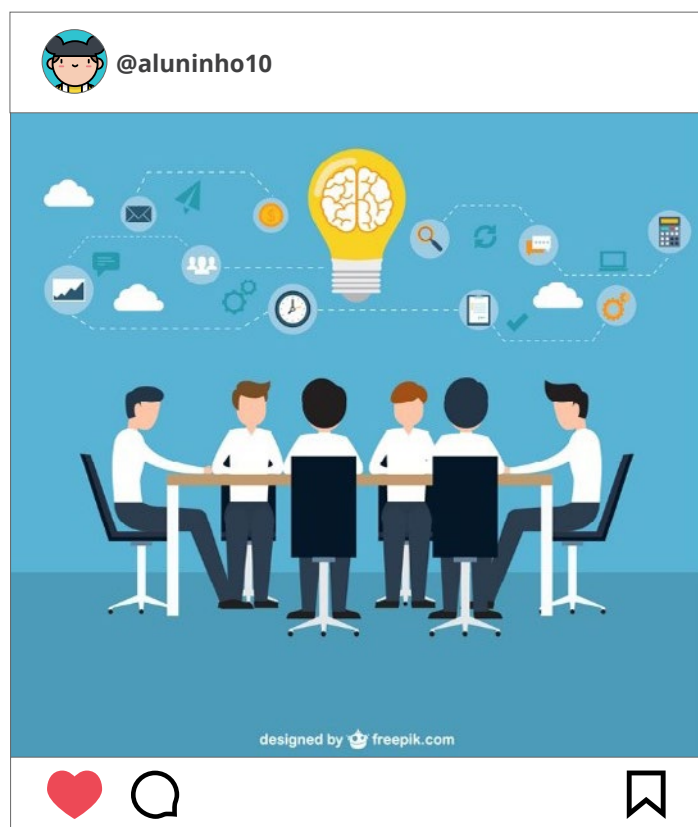
Um dos clássicos do rock mundial é a música *"Another brick in the wall"*, da famosa banda britânica Pink Floyd. A canção apresenta forte crítica ao modelo industrial e rígido de ensino. Assista a um trecho clipe da música e note as cenas que fazem referência à questão.

É fácil entender porque o modelo é chamado de industrial, pois é justamente com a expansão da industrialização que se percebe a necessidade de capacitar um contingente de mão-de-obra a fim de atender à demanda por profissionalização.

A própria educação a distância se desenvolve nesse contexto. Instrução por correspondências, pelo rádio, pela televisão, todas possuíam um componente massivo, da lógica um para milhares. Mas os tempos mudaram...

Certamente, o desenvolvimento das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) contribuiu para impulsionar novas formas de aprendizagem. O surgimento dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), sem dúvida, é uma de suas consequências. Os AVAs reuniram as colaborações do campo da tecnologia, da programação e da área pedagógica. Em complemento, temos ainda a criação de interfaces gráficas e materiais didáticos cada vez mais interativos, em vários tipos de mídias, novas formas de interação e de avaliação, métodos de análise de dados e customização da própria plataforma de acordo com o percurso de estudo do aluno.





A Educação caminha para uma perspectiva cada vez mais diversa, complexa e, ao mesmo tempo, customizada. O fenômeno já vem acontecendo em outras áreas. Pense, por exemplo, nas redes sociais, nas plataformas online de filmes, no comércio eletrônico. Eles criam listas de preferências baseadas nas suas escolhas. Certamente, a sua lista não é a mesma lista de outra pessoa, já que vocês possuem formas diferentes de interação.

Se na nossa vida já experimentamos tendências adaptativas, e costumamos aprová-las, por que deveríamos continuar seguindo um modelo uniformizado no âmbito da aprendizagem e, conseqüentemente, do ensino? Não poderíamos desfrutar, na Educação, dos mesmos benefícios os quais já aproveitamos na cultura e no lazer, enfim, no cotidiano? A Educação seria uma espécie de parênteses, de uma bolha na nossa jornada?

Alguns empreendimentos teóricos e metodológicos têm sido realizados no sentido de identificar a variedade de formas de aprender, refletindo sobre como disfrutar do potencial existente para criar formas criativas de ensino. É o que veremos a seguir!





## 2. Modelo VARK

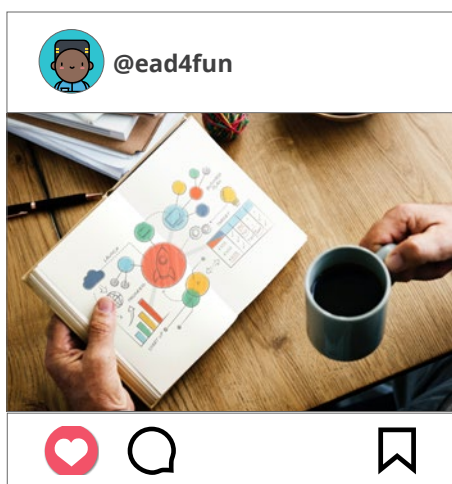
Iniciaremos pelo modelo VARK, desenvolvido por Neil Fleming y Colleen Mills para identificar a preferência sensorial dos alunos no processamento das informações. VARK, assim, é a sigla para: \_\_\_\_\_

**Visual**  
**Auditive (auditivo)**  
**Read/write (ler e escrever)**  
**Kinesthetic (cinestésico)**

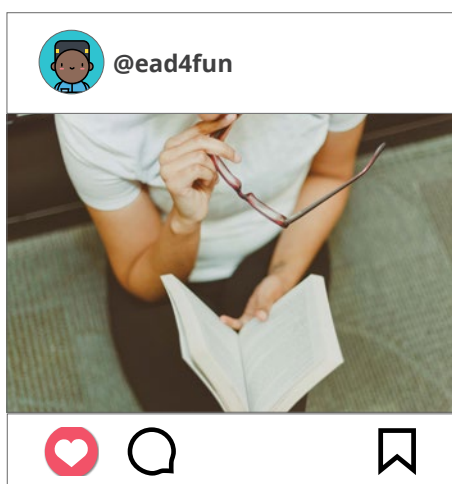


Este modelo não nega que os indivíduos aprendem algo levando em consideração os seus interesses e complementa: o modo como as informações são recebidas pelos alunos também influencia a aprendizagem. Alguns serão mais estimulados pelos aspectos visuais, outros pelas informações que ouvirem. Há também aqueles que se recordam mais quando leem as informações e os que preferem, ainda, manipular objetos ou desempenhar alguma atividade de cunho prático.

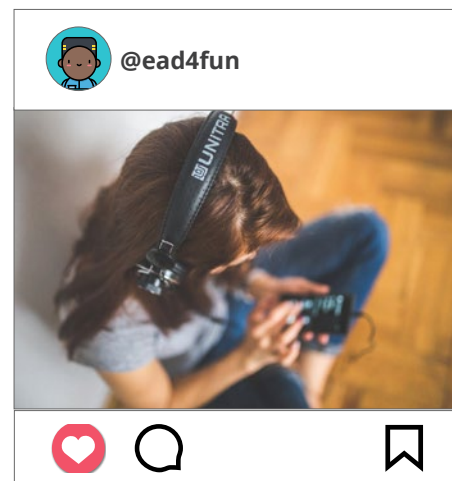
Vamos detalhar:



**Visual** – aqueles que se identificam com este perfil têm preferência pelo uso de imagens, diagramas, fluxogramas, quadros esquemáticos, mapas mentais, dentre outros recursos visuais. Em suma, a informação deve estar organizada em uma representação gráfica com sentido e ordem ou ainda ter como suporte principal uma plataforma visual.



**Auditive** – preferem a informação repassada pela via oral. Assim, sentem-se mais confortáveis com aulas expositivas, palestras, podcasts, debates, discussões temáticas, dentre outras metodologias auditivas. Voz e ouvido são, portanto, os recursos mais utilizados. Por conta disso, explicações verbais são mais facilmente memorizadas, reduzindo a necessidade de anotações. Por outro lado, distraem-se facilmente com outros estímulos auditivos. Daí a importância de se estabelecer ambientes silenciosos.

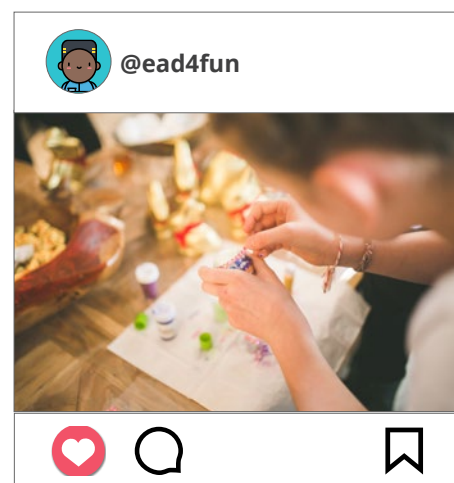


**Read/write** – possuem maior aptidão com a informação escrita e, consequentemente, com atividades que empreguem a leitura. Por isso, há necessidade constante de anotações, como a elaboração de notas de apoio ou resumos. Há ainda os que preferem ler textos vocalizando as palavras, ou movimentando os lábios ou pronunciando as palavras em voz audível.





**Kinesthetic** – por fim, os cinestésicos preferem a informação sempre aliada a algum tipo de prática ou experimento, ainda que em formato de simulação. Aqui, o que está em jogo é a manipulação, seja de objetos, do próprio corpo ou ainda de situações e variáveis. Gostam de aplicar conceitos em experiências, portanto, preferem dinâmicas, jogos, estudos de caso, aprendizagem baseada em projetos ou problemas. Em geral, a aprendizagem cinestésica é mais lenta do que as demais formas, o que demanda dos indivíduos (professores e alunos) um prazo maior de tempo, pois as atividades precisam ser significativas e, em geral, apresentam maior carga semiótica. Consequentemente, o resultado é uma aprendizagem mais profunda na maioria das vezes.



**Vistas todas essas formas de aprendizagem do modelo VARK, você deve estar se perguntando: *sim, mas como eu faço para identificar o meu estilo (ou de um aluno)?***



Para resolver a situação, Fleming e Bonwell elaboraram um [questionário](#) que identifica a(s) forma(s) de aprendizagem predominante(s). O questionário apresenta um conjunto de perguntas que sempre se remetem a situações de aprendizagem, cujas opções de respostas são as quatro formas de aprendizagem do modelo VARK.

Perceba que abrimos a possibilidade para falar em formas de aprendizagem predominantes. Mas lembremos que há indivíduos que se encaixam em mais de uma forma de processar as informações. São os chamados **multimodais**.

Passemos à próxima possibilidade.



# 3. Estilos de aprendizagem de Kolb

O método de David Kolb é um dos mais conhecidos para identificar estilos de aprendizagem. Desenvolvido no início dos anos 1970, o método surge a partir da forma pela qual, segundo Kolb, lidamos com a realidade, o que ele chamou de **ciclo da aprendizagem experiencial**.

Kolb concebia a aprendizagem não apenas como um processo de transmissão e aquisição de conhecimentos, mas como uma relação de interação entre conteúdo e experiência.

Para Kolb, esse ciclo ocorre em quatro etapas:

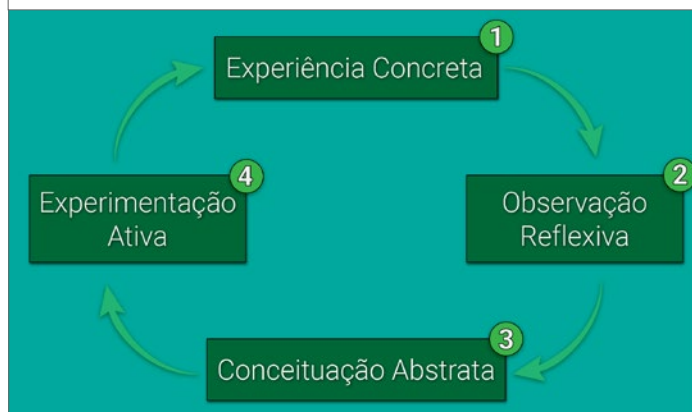


@David Kolb

1. **Experiência concreta (EC):** é o nosso primeiro contato com a realidade; o envolvimento com novas experiências.
2. **Observação reflexiva (OR):** a partir desse primeiro contato, começamos a observar e refletir sobre a experiência que nos é apresentada. Quando realizadas em um contexto de grupo, essas observações e reflexões são feitas sob vários pontos de vista.
3. **Conceituação abstrata (CA):** uma vez realizada a observação reflexiva, passamos a criar e generalizar conceitos e definições, conferindo maior sentido e organização às nossas observações.
4. **Experimentação ativa (EA):** por fim, testamos e aplicamos os conceitos criados a fim de verificar se são satisfatórios na tomada de decisões e na solução de problemas.



@estudante28



A partir dessas 4 etapas, temos, então, quatro quadrantes formados por EC, OR, CA e EA. Da passagem de uma etapa para outra, Kolb afirma que há um estilo de aprendizagem predominante. Desse modo, o autor alocou, em cada quadrante, um estilo de aprendizagem: (em sentido horário) **divergente**, **assimilador**, **convergente** e **acomodador**.

A sistematização abaixo recebe o nome de **diagrama da aprendizagem** e está organizado assim:



@estudante28



Vejamos o que diz cada um deles.



@heutagogo45

**Divergente (EC/OR)** – aqueles que possuem este estilo preferem aprender por meio de atividades práticas combinadas com um retorno. Costumam enxergar objetos e situações por diferentes perspectivas e preferem observar antes de agir, a fim de reunir dados e informações para alimentarem o processo criativo e buscarem soluções. Por isso, costumam possuir bom desempenho em atividades que requeiram a geração de ideias, como o brainstorming. Como decorrência, há preferência pelo trabalho em grupo. Estratégias de ensino/aprendizagem: simulação, estudo de caso, visitas técnicas.



@estudante9

**Assimilador (OR/CA)** – o estilo assimilador aprende melhor pela combinação de observação e pensamento, por isso a preferência pelo método de ensino expositivo (aulas e palestras, por exemplo). O foco do assimilador reside, claro, na assimilação de ideias e conceitos, na elaboração e análise de propostas hipotéticas e na exploração de modelos teóricos e analíticos. Assim, buscam compreender as informações de forma ampla para, em seguida, organizarem-nas logicamente, o que faz com que eles demandem por mais tempo para refletir sobre o problema e tomar uma decisão. Estratégias de ensino/aprendizagem: pequenos grupos de discussão, elaboração de resenhas.



@andragoga6

**Convergente (CA/EA)** – nesse estilo, os indivíduos aprendem melhor quando pensam e realizam a ação logo em seguida. Assim, preferem aliar os aspectos teóricos à prática. É o que ocorre, por exemplo, em atividades com informações detalhadas (tutoriais), ou em ações para testar hipóteses, na base da tentativa e erro. Costumam ser pragmáticos, buscando, quando possível, encontrar significado prático para situações, a princípio, abstratas. Estratégias de ensino/aprendizagem: testes por questionários ou atividades que permitam um rápido feedback.



@aluninho10

**Acomodador (EA/EC)** – esse estilo preza pela aprendizagem por meio da experiência e da realização de atividades práticas. É o estilo com característica mais prática e vivencial e menos teórica de todos. A intuição vale mais do que a lógica e a reflexão, por isso, possuem alta capacidade de iniciativa e de execução de tarefas, assim como de impulsividade. Estratégias de ensino/aprendizagem: simulações, estágios, trabalhos em laboratórios.



Vejamos agora o que diz o modelo de inteligências múltiplas de Gardner.



## 4. Inteligências múltiplas de Gardner

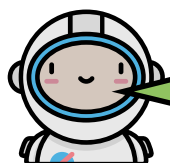
Este, talvez, seja o modelo mais conhecido dentre os estudados até aqui. Proposto pelo cientista norte-americano Howard Gardner, no início da década de 1980, aborda o conceito de inteligências múltiplas, teoria inovadora à época, uma vez que o parâmetro para avaliar inteligência consistia no raciocínio lógico-matemático, como bem expresso nos testes de QI (quociente de inteligência).

A partir do estudo comparativo da variação, em diferentes culturas, do conceito de inteligência, Gardner a definiu como sendo o potencial para resolver problemas e para criar aquilo que é valorizado em determinado contexto social e histórico. Suas pesquisas, então, chegaram à conclusão de que existem nove tipos de inteligência:



**Lógico-matemática** – é a capacidade de realizar operações numéricas, avaliar objetos e abstrações e fazer deduções.

**Linguística** – é a habilidade de aprender idiomas, de usar e explorar palavras para atingir objetivos.



**Espacial** – é a disposição para compreender o mundo visual com precisão, percebendo e transformando situações que envolvam experiências visuais.

**Corporal-cinestésica** – é o potencial para usar e controlar movimentos do corpo.



**Interpessoal** – é a capacidade de entender intenções, motivações e desejos de outras pessoas.

**Intrapessoal** – é a capacidade de se conhecer e usar o entendimento de si mesmo para alcançar certos fins.



**Musical** – é a aptidão para compor, executar, apreciar e discernir padrões musicais, podendo estar associada a outras inteligências (espacial ou corporal-cinestésica, por exemplo).





Mas analisemos a questão por uma outra perspectiva. Estudamos no módulo 2 as pressuposições da Andragogia e uma delas afirma que o adulto é marcado por suas experiências e as utiliza como um instrumento educacional.





# Considerações finais

Caro aluno, nesta aula conversamos sobre a importância de oferecer ambientes diversos de possibilidades de aprendizagem aos também diversos perfis de aprendizes. Para tanto, vimos alguns modelos que apontam para a variedade de modelos e estilos de aprendizagem, bem como de tipos de inteligência.

O quadro abaixo apresenta uma retomada do que foi trabalhado na aula:

## VARK (percepção sensorial)

Visual

Auditivo

Leitor/Escritor

Cinestésico

## Kolb (estilos de aprendizagem)

Divergente

Assimilador

Convergente

Acomodador

## Gardner (inteligências múltiplas)

Lógico-matemática

Linguística

Espacial

Corporal-cinestésica

Interpessoal

Intrapessoal

Existencial

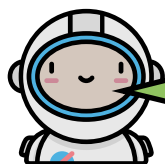
Musical

Natural





Para finalizar, é salutar que reforcemos a ideia de que nenhum modelo pode abarcar toda a realidade, complexa demais para estar contida numa representação teórica. Porém, os referidos modelos são importantes instrumentos para que possamos:



1. conhecer o perfil de nossos alunos e traçar a melhor estratégia educacional;

2. ampliar as formas e os modos pelos quais disponibilizamos os conteúdos didáticos;



3. fazer uso, sempre que possível, de metodologias que permitam a conjunção de teoria e prática.

Espero que você tenha finalizado esta aula com boas ideias e que o tema tenha despertado a sua criatividade. Com esse módulo, chegamos ao fim da primeira etapa do nosso Programa de Formação de Instrutores. Revise as aulas e apreenda bem os conteúdos, pois certamente eles vão ajudar você a desempenhar sua prática nas próximas etapas.

## Até breve!

